

Informe **Macroeconômico** ETENE

ano 6, n.6, Junho 2026

**Nordeste segue em crescimento moderado,
entre abril e maio de 2026**



Nordeste segue em crescimento moderado, entre abril e maio de 2026

Apresentação

O Informe Macroeconômico ETENE – junho de 2026 – apresenta uma leitura integrada da conjuntura econômica do Nordeste, evidenciando que a Região segue em crescimento moderado. A indústria regional (2,0%) apresentou desempenho superior à média nacional (1,7%) no primeiro quadrimestre, impulsionada principalmente pelo expressivo avanço de Pernambuco (19,7%). O comércio varejista observou expansão em todos os estados da Região divulgados pela pesquisa do IBGE, em abril, com destaque novamente para Pernambuco (8,9%). O setor de serviços apresentou crescimento em abril de 2026, tanto no cenário nacional quanto na maior parte dos estados nordestinos, sobretudo em Alagoas (19,1%). No turismo, a região apresentou notável expansão no desembarque aéreo e aumento da participação de visitantes estrangeiros, no quadrimestre.

No campo externo, a Região enfrentou desafios decorrentes da redução das exportações e da manutenção do ritmo das importações, resultando em déficit comercial no acumulado de janeiro a maio de 2026. Embora a Bahia tenha mantido sua posição como principal estado exportador da região e alguns estados tenham ampliado suas vendas externas, o cenário internacional adverso e a concentração da pauta exportadora em poucos produtos e mercados continuam limitando o potencial de expansão do comércio exterior regional.

Ao mesmo tempo, o ambiente econômico permaneceu pressionado pela inflação regional acima da média nacional, especialmente nos grupos de alimentos, energia e serviços essenciais, refletindo-se também no forte aumento do custo da cesta básica. Nos doze meses encerrados em maio de 2026, a cesta básica do Nordeste acumulou alta de 12,88%, a maior entre as regiões brasileiras e acima da média nacional de 8,00%.

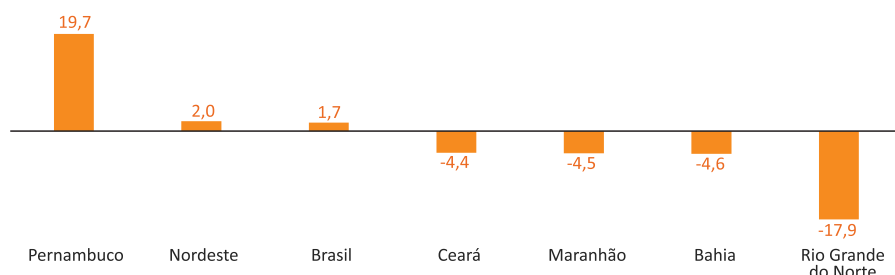
Os indicadores financeiros e fiscais apontam para um contexto de maior cautela nos próximos meses. As elevadas taxas de juros, spreads bancários e inadimplência no Nordeste tendem a restringir a expansão do crédito e a limitar o consumo das famílias. Paralelamente, embora o Governo Federal tenha registrado superávit primário no acumulado do ano até abril (R\$ 8,7 bilhões), mostrou deterioração em relação a igual período de 2025 (R\$ 73,2 bilhões), em razão do crescimento das despesas públicas. Em conjunto, os dados revelam uma economia nordestina que mantém focos importantes de dinamismo, mas que continua enfrentando desafios relacionados à inflação, ao crédito, à competitividade externa e às condições macroeconômicas nacionais e internacionais, suscitando, portanto, uma expectativa de crescimento moderado no fechamento de 2026. Nessa perspectiva, o documento é concluído com as expectativas do BNB/Etene para as variáveis macroeconômicas que subsidiam o Relatório Focus do Banco Central do Brasil.

1 Indústria do Nordeste cresce acima da média nacional no primeiro quadrimestre de 2026

A produção industrial do Nordeste (2,0%) apresentou desempenho positivo no primeiro quadrimestre de 2026, superando o crescimento nacional (1,7%). Na comparação anualizada, o Nordeste (0,9%) também apresentou desempenho ligeiramente superior à média nacional (0,7%).

Dentre os 18 locais pesquisados pelo IBGE, dez registraram crescimento no acumulado do ano. No Nordeste, apenas dois locais apresentaram avanço: a própria Região (2,0%) e Pernambuco (19,7%), que registrou a segunda maior taxa de expansão do país. Em contrapartida, Ceará (-4,4%), Maranhão (-4,5%), Bahia (-4,6%) e Rio Grande do Norte (-17,9%) apresentaram retrações (Gráfico 1) e figuraram entre os piores desempenhos nacionais.

Gráfico 1 – Taxa de crescimento da produção industrial (%) – Brasil, Nordeste e estados do Nordeste – acumulado jan-abr de 2026 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2026).

O resultado de Pernambuco (19,7%) foi fortemente influenciado pelo desempenho do segmento de refino e biocombustíveis, cuja expansão refletiu parcialmente uma base de comparação reduzida, em razão da paralisação de algumas plantas industriais no mesmo período do ano anterior.

No Ceará (-4,4%), embora o segmento de refino tenha contribuído positivamente, esse efeito foi superado pela retração observada em diversas atividades industriais. Na Bahia (-4,6%) e Rio Grande do Norte (-17,9%), a queda da produção esteve associada principalmente ao desempenho negativo do setor de refino e biocombustíveis. Já no Maranhão (-4,5%), estado sem refinaria entre os pesquisados, a retração decorreu do recuo das atividades de alimentos, papel e celulose e indústria extrativa (Tabela 1).

Tabela 1 – Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades – Brasil, Nordeste e Estados do Nordeste – acumulado jan-abr de 2026 (Base: igual período do ano anterior)

	BR	NE	MA	CE	RN	PE	BA
Indústria geral	1,7	2,0	-4,5	-4,4	-17,9	19,7	-4,6
Indústrias extrativas	9,3	20,0	-23,7	-	-5,6	-	7,3
Indústrias de transformação	0,3	1,4	-3,3	-4,4	-18,8	19,7	-5,2
Produtos alimentícios	2,7	4,0	-21,0	-4,6	-6,2	0,8	7,9
Bebidas	2,2	3,6	11,1	-3,5	-	4,2	-2,1
Produção de fumo	-1,9	-	-	-	-	-	-
Produtos têxteis	-2,5	-13,1	-	-8,1	-	-	-
Confecção de vestuário e acessórios	-6,4	-5,8	-	-6,9	41,5	-	-
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-6,2	-8,2	-	-5,5	-	-	-24,6
Celulose, papel e produtos de papel	-4,0	-6,1	-13,6	-	-	1,9	-2,6
Coque, derivados do petróleo e de biocombustíveis	-2,5	11,9	-	11,7	-29,9	200,2	-7,0
Produtos químicos	-7,4	-3,5	-	-18,4	-	7,1	-4,6
Produtos de borracha e de material plástico	5,0	2,3	-	-	-	9,9	-4,7
Produtos de minerais não metálicos	-3,0	1,7	0,8	4,7	-	3,8	0,1
Metalurgia	11,1	-1,5	7,6	-11,8	-	26,5	-7,6
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	1,4	1,0	-	23,3	-	-17,4	-
Máquinas, aparelhos, materiais elétricos	-0,8	-33,8	-	-21,3	-	7,7	-44,7
Máquinas e equipamentos	-1,2	-	-	-	-	-	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-4,1	-3,2	-	-	-	-1,2	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	-1,8	-	-	-	-	26,2	-

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2026).

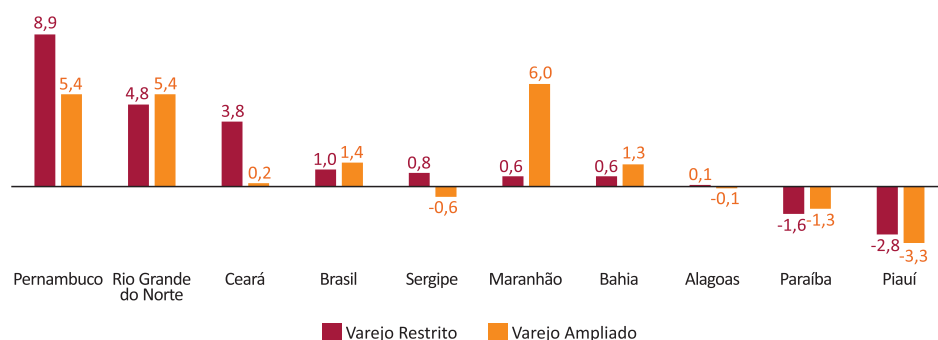


2 Comércio de Pernambuco volta a liderar crescimento no Nordeste

O comércio varejista brasileiro manteve trajetória de crescimento em abril de 2026. Na comparação com abril de 2025, o volume de vendas avançou 1,0% no varejo restrito e 1,4% no varejo ampliado, segundo a Pesquisa Mensal do Comércio do IBGE (Gráfico2). O desempenho nacional foi heterogêneo entre as atividades pesquisadas. Entre os destaques positivos, sobressaiu o segmento de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, com crescimento de 6,5%. Em contrapartida, os segmentos de tecidos, vestuário e calçados, móveis e outros artigos de uso pessoal e doméstico registraram retração no período analisado.

No Nordeste, Pernambuco apresentou o maior destaque regional, registrando expansão de 8,9% no varejo restrito e de 5,4% no varejo ampliado em relação a abril de 2025 (Gráfico2). O estado voltou a liderar o desempenho regional, consolidando-se como principal influência positiva entre os estados selecionados pela pesquisa.

Gráfico 2 – Variação (%) do volume de vendas do comércio - Brasil e Estados selecionados – abril 2026/2025



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. PMC

O desempenho do comércio apresentou diferenças relevantes entre estados e atividades econômicas. Em Pernambuco, destacaram-se os crescimentos das vendas de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (19,4%), além dos segmentos de móveis (30,1%) e de livros, jornais, revistas e papelaria (32,7%). Na Bahia, o segmento de livros, jornais, revistas e papelaria (38,4%) também apresentou crescimento expressivo (Tabela 2).

Por outro lado, algumas atividades registraram comportamentos distintos entre os estados. Enquanto o segmento de livros, jornais, revistas e papelaria apresentou forte expansão na Bahia e em Pernambuco, observou-se retração dessa atividade no Ceará. Situação semelhante ocorreu no segmento de eletrodomésticos, que cresceu de forma significativa no Ceará, mas apresentou queda em Pernambuco na mesma base de comparação.

Tabela 2 – Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados - abril 2026/2025

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Comércio varejista	1,0	3,8	8,9	0,6
Combustíveis e lubrificantes	1,6	1,5	-12,0	-5,8
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	0,9	4,2	19,4	3,3
Hipermercados e supermercados	0,9	1,2	23,9	4,3
Tecidos, vestuário e calçados	-2,5	4,0	-3,2	-7,9
Móveis e eletrodomésticos	2,6	13,0	-2,2	5,7
Móveis	-3,0	1,9	30,1	4,3
Eletrodomésticos	4,6	20,8	-11,1	7,4
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	4,5	-2,1	-1,9	-0,7
Livros, jornais, revistas e papelaria	0,0	-15,7	32,7	38,4
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	6,5	-6,5	7,7	21,0
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-3,0	7,9	8,6	-2,2
Comércio varejista ampliado	1,4	0,2	5,4	1,3
Veículos, motocicletas, partes e peças	2,6	1,0	-3,1	3,0
Material de construção	0,0	-13,9	-3,3	-8,6
Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	2,0	-5,5	6,7	8,5

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. PMC

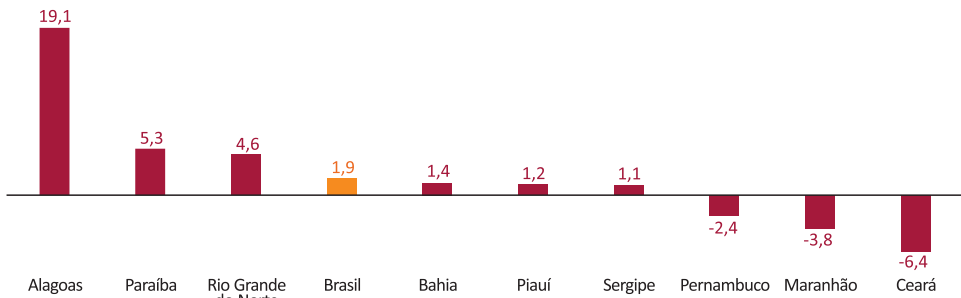
Em síntese, o comércio varejista apresentou desempenho positivo em abril de 2026, tanto no Brasil quanto em todos os estados nordestinos divulgados pela pesquisa do IBGE. Pernambuco vem se destacando pelos resultados superiores aos observados na média nacional, especialmente no varejo restrito. A análise das atividades revela comportamentos distintos entre os segmentos e entre os estados, indicando uma dinâmica comercial mista. Dentre os fatores que podem explicar estes resultados, sugere-se que a dinâmica do crédito, mercado de trabalho e comportamento do consumidor continuam influenciando o desempenho do setor, ao mesmo tempo em que os efeitos de programas de renegociação de dívidas e de mudanças nos padrões de consumo permanecem como elementos relevantes para o acompanhamento da atividade comercial nos próximos meses.

3 Serviços - Alagoas lidera crescimento dos serviços no Nordeste em abril de 2026

O setor de serviços apresentou crescimento em abril de 2026 tanto no cenário nacional quanto na maior parte dos estados nordestinos. Segundo a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE, o volume de serviços no Brasil avançou 1,9% na comparação com abril de 2025. Entre os estados pesquisados na Região, os resultados foram mistos, com destaque para Alagoas, que registrou crescimento de 19,1%, enquanto o Ceará apresentou a maior retração regional, com queda de 6,4% (Gráfico 3).

Além de Alagoas, também registraram desempenho positivo os estados da Paraíba (5,3%), Rio Grande do Norte (4,6%), Bahia (1,4%), Piauí (1,2%) e Sergipe (1,1%). Em contrapartida, Pernambuco (-2,4%), Maranhão (-3,8%) e Ceará (-6,4%) apresentaram retração na comparação interanual.

Gráfico 3 – Variação (%) do volume de serviços – Brasil e Estados selecionados – abril 2026/mesmo mês ano anterior



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. PMS.

No âmbito setorial, o principal destaque nacional foi o segmento de Serviços de Tecnologia da Informação, que registrou crescimento de 9,6%. Por outro lado, a atividade de Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correios apresentou retração nacional de 1,4%, resultado também observado em estados pesquisados, como Ceará, Pernambuco e Bahia. Entre os resultados estaduais positivos, destacou-se a atividade de Serviços profissionais, administrativos e complementares na Bahia, que registrou crescimento de 10,2% (Tabela 3).

Tabela 3 – Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades – Brasil e Estados selecionados (1)

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Serviços prestados às famílias	2,7	-11,1	-4,8	3,9
Serviços de alojamento e alimentação	2,5	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	3,9	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	6,3	-1,3	0,8	4,0
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	6,0	-	-	-
Telecomunicações	2,3	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	9,6	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	8,6	-	-	-
Serviços profissionais, administrativos e complementares	1,2	-1,4	6,1	10,2
Serviços técnico-profissionais	4,5	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	-1,3	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-1,4	-10,6	-8,1	-4,0
Transporte terrestre	0,8	-	-	-
Transporte aquaviário	-6,1	-	-	-
Transporte aéreo	-12,0	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	-1,1	-	-	-
Outros serviços	3,4	-14,9	-2,2	-4,5
Total	1,9	-6,4	-2,4	1,4

Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE. Notas (1): abril 2026/mesmo mês ano anterior. O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

Destaque-se que o setor de serviços brasileiro permaneceu em trajetória de crescimento em abril de 2026, acumulando o 25º resultado mensal positivo consecutivo na comparação interanual. O nível de atividade encontrava-se 19,9% acima do observado no período pré-pandemia (fevereiro de 2020) e apenas 0,3% abaixo do ponto mais elevado da série histórica, registrado em outubro de 2025.

A análise setorial mostrou resultados distintos entre as atividades econômicas, com crescimento dos serviços de informação e comunicação, impulsionado principalmente pela tecnologia da informação e serviços digitais, enquanto o transporte aéreo apresentou retração de 12,0%. No geral, o setor manteve



crescimento, embora de forma desigual entre estados e segmentos, permanecendo influenciado pelas condições macroeconômicas e pelo ambiente de negócios.

4 Turismo internacional no Nordeste avança no início de 2026

O volume das atividades turísticas no Brasil apresentou queda de 1,5% em abril de 2026 na comparação com abril de 2025, resultado associado principalmente à redução das receitas do transporte aéreo de passageiros. Em contrapartida, na comparação com o mês imediatamente anterior, o setor registrou crescimento de 4,1%, revertendo dois meses consecutivos de retração. No acumulado do primeiro quadrimestre de 2026, as atividades turísticas cresceram 0,4%, impulsionadas principalmente pelos segmentos de alimentação, restaurantes, serviços de reservas e hospedagem.

Entre os estados nordestinos pesquisados pelo IBGE, Rio Grande do Norte (3,2%) e Bahia (2,5%) apresentaram crescimento das atividades turísticas no acumulado do ano (Tabela 4). Por outro lado, Pernambuco (-4,6%), Ceará (-3,9%) e Alagoas (-1,2%) registraram retração no indicador.

Tabela 4 – Indicadores de Volume das Atividades Turísticas³, segundo Brasil e Unidades da Federação – Jan-abr/2026 – Variação (%)

Unidade Territorial	Mês/mês anterior ¹			Mês/mesmo mês do ano anterior			Acumulado no ano ²		
	fev/2026	mar/2026	abr/2026	fev/2026	mar/2026	abr/2026	fev/2026	mar/2026	abr/2026
Brasil	-1,5	-3,8	4,1	0,7	-3,7	-1,5	3,4	1,0	0,4
Alagoas	-1,4	-9,4	10,1	6,6	-12,1	-5,6	5,9	0,1	-1,2
Bahia	2,1	-6,5	10,8	12,7	-11,1	5,1	8,3	1,7	2,5
Ceará	-3,5	-4,7	-0,3	-1,1	-10,7	-11,9	2,9	-1,4	-3,9
Pernambuco	-2,4	-8,6	6,9	-1,6	-12,2	-8,4	1,0	-3,4	-4,6
Rio Grande do Norte	1,8	1,6	5,6	2,9	-1,8	9,8	2,8	1,4	3,2

Fonte: IBGE/PMS. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/8694>. Acesso em: 12 jun. 2026. Elaboração: BNB/ETENE/CGIE. Notas: 1 com ajuste sazonal; 2 em relação ao mesmo período do ano anterior.

Nota 3: O Índice de Atividades Turísticas – IATUR é construído através do agrupamento das seguintes atividades: Alojamento e alimentação; Serviços culturais, desportivos, de recreação e lazer; Locação de automóveis sem condutor; Agências de viagens e operadoras turísticas; Transportes turísticos (Transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; Trens turísticos, teleféricos e similares; Transporte por navegação interior de passageiros em linhas regulares; Outros transportes aquaviários e Transporte aéreo de passageiros).

O Brasil recebeu 4,33 milhões de turistas internacionais entre janeiro e abril de 2026, número 2,1% inferior ao registrado no mesmo período de 2025 (Tabela 5). Apesar da redução no fluxo de visitantes, os gastos dos turistas estrangeiros alcançaram US\$ 4,05 bilhões no período, representando crescimento de 9,4% em relação ao primeiro quadrimestre do ano anterior. O transporte aéreo permaneceu como principal meio de entrada de visitantes no País, respondendo por 64,4% das chegadas internacionais.

A Argentina manteve-se como principal emissor de turistas ao Brasil, com 1,81 milhão de visitantes, seguida por Chile, Estados Unidos, Uruguai e Paraguai. Juntos, esses países responderam por 68,9% das chegadas internacionais registradas no quadrimestre.

O estado de São Paulo foi o principal portão de entrada dos turistas internacionais, seguido por Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.



Tabela 5 – Chegadas de Turistas Estrangeiros ao Brasil – Jan-abr/2026/2025

"Unidade Territorial (portão de entrada)"	Acumulado no ano		Variação (%)
	jan-abr/2025	jan-abr/2026	
Brasil	4.425.888	4.333.423	-2,1
Alagoas	8.847	18.473	108,8
Bahia	83.914	95.397	13,7
Ceará	30.940	40.716	31,6
Maranhão	28	100	257,1
Paraíba	96	836	770,8
Pernambuco	31.590	65.005	105,8
Rio Grande do Norte	12.705	31.548	148,3

Fonte: Embratur. Disponível em: <https://embratur.com.br/para-o-trader/inteligencia-de-dados/paineis-de-dados/chegadas-internacionais/>. Acesso em: 12 jun. 2026. Elaboração: BNB/ETENE/CGIE.

Os aeroportos brasileiros registraram 38,96 milhões de desembarques no primeiro quadrimestre de 2026, crescimento de 7,2% em relação ao mesmo período do ano anterior. A movimentação doméstica respondeu pela maior parte desse total, com 33,74 milhões de passageiros e expansão de 6,5%, enquanto os desembarques internacionais cresceram 11,3%, alcançando 5,23 milhões de passageiros (Tabela 6).

Tabela 6 – Chegada de passageiros, por natureza, em aeroportos – Brasil e Regiões – Jan-abr/2026/2025

Unidade Territorial (aeroporto de destino)	Doméstico			Internacional			Acumulado do ano		
	jan-abr/2025	jan-abr/2026	Variação (%)	jan-abr/2025	jan-abr/2026	Variação (%)	JUL	AGO	SET
Brasil	31.663.888	33.735.228	6,5	4.693.887	5.226.228	11,3	8,5	8,1	7,9
Centro-oeste	3.739.744	4.001.755	7,0	143.424	146.798	2,4	3,5	2,1	1,0
Nordeste	6.070.683	6.703.427	10,4	271.453	364.158	34,2	3,5	2,6	1,8
Norte	1.699.051	1.721.661	1,3	52.147	69.531	33,3	13,7	13,6	13,9
Sudeste	16.297.555	17.080.549	4,8	3.847.583	4.164.219	8,2	18,7	17,6	17,5
Sul	3.856.855	4.227.836	9,6	379.280	481.522	27,0	4,2	3,6	3,5

Fonte: ANAC. Disponível em: <https://www.gov.br/anac/pt-br/assuntos/dados-e-estatisticas/dados-estatisticos/dados-estatisticos>. Acesso em: 12 jun. 2026. Elaboração: BNB/ETENE/CGIE.

Nota: Os dados de desembarques de passageiros internacionais incluem residentes e não-residentes no Brasil e conexões.

No Nordeste, foram registrados 7,07 milhões de desembarques, correspondendo a 18,1% do total nacional e ao maior crescimento entre as regiões brasileiras (11,4%). O fluxo doméstico representou 94,8% do total regional, com destaque para Bahia, Pernambuco e Ceará, responsáveis conjuntamente por mais de 70% dos desembarques domésticos da Região.

Os desembarques internacionais nos aeroportos nordestinos cresceram 34,2%, alcançando 364.158 passageiros (tabela 7). Bahia, Pernambuco e Ceará concentraram 83,8% desse fluxo, com destaque para Pernambuco, que apresentou o maior crescimento entre os três estados.

Tabela 7 – Chegada de passageiros em aeroportos por natureza do voo – Nordeste e Estados – Jan-abr/2026/2025

"Unidade Territorial (aeroporto de destino) "	Doméstico			Internacional		
	jan-abr/2025	jan-abr/2026	Variação (%)	jan-abr/2025	jan-abr/2026	Variação (%)
Nordeste	6.070.683	6.703.427	10,4	271.453	364.158	34,2
Alagoas	463.804	503.597	8,6	10.675	20.096	88,3
Bahia	1.725.976	1.957.914	13,4	103.717	123.749	19,3
Ceará	941.069	1.027.059	9,1	69.913	74.853	7,1
Maranhão	283.437	322.760	13,9		37	-
Paraíba	308.670	331.663	7,4	205	1.365	565,9
Pernambuco	1.610.720	1.733.548	7,6	69.429	106.522	53,4
Piauí	162.924	188.118	15,5			-
Rio Grande do Norte	368.060	416.109	13,1	17.514	37.536	114,3
Sergipe	206.023	222.659	8,1			-

Fonte: ANAC. Disponível em: <https://www.gov.br/anac/pt-br/assuntos/dados-e-estatisticas/dados-estatisticos/dados-estatisticos>. Acesso em: 12 jun. 2026. Elaboração: BNB/ETENE/CGIE.

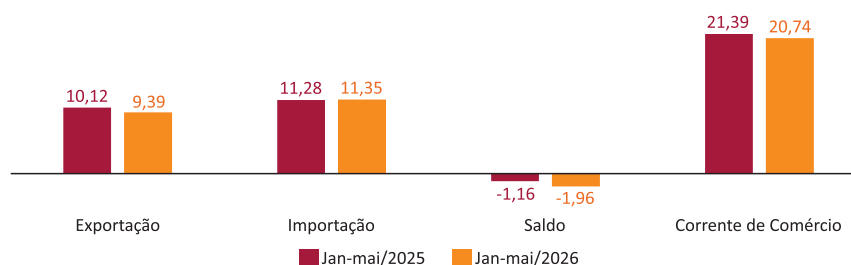
Nota: Os dados de desembarques de passageiros internacionais incluem residentes e não-residentes no Brasil e conexões.

Apesar da revisão para baixo das projeções globais de crescimento das viagens internacionais em 2026, os dados observados até abril indicam manutenção da demanda turística no Brasil e no Nordeste. O destaque do período foi o crescimento expressivo do turismo internacional no Nordeste, especialmente em Pernambuco, acompanhado pela expansão dos desembarques aéreos e pelo aumento dos gastos de visitantes estrangeiros no País.

5 Comercio Exterior - Nordeste acumula déficit na balança comercial

No acumulado de janeiro a maio de 2026, o comércio exterior brasileiro manteve desempenho positivo, com exportações de US\$ 148,57 bilhões e importações de US\$ 115,91 bilhões, resultando em superávit comercial de US\$ 32,66 bilhões. No Nordeste, entretanto, verificou-se cenário distinto. A Região respondeu por 6,3% das exportações e 9,8% das importações do País, registrando exportações de US\$ 9,39 bilhões, queda de 7,1% em relação ao mesmo período de 2025. As importações somaram US\$ 11,35 bilhões, com crescimento de 0,7%, resultando em déficit comercial de US\$ 1,96 bilhão e corrente de comércio de US\$ 20,74 bilhões (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Valor das Exportações, importações, saldo e corrente de comércio – Nordeste – Jan-mai/2026/2025 - US\$ bilhões



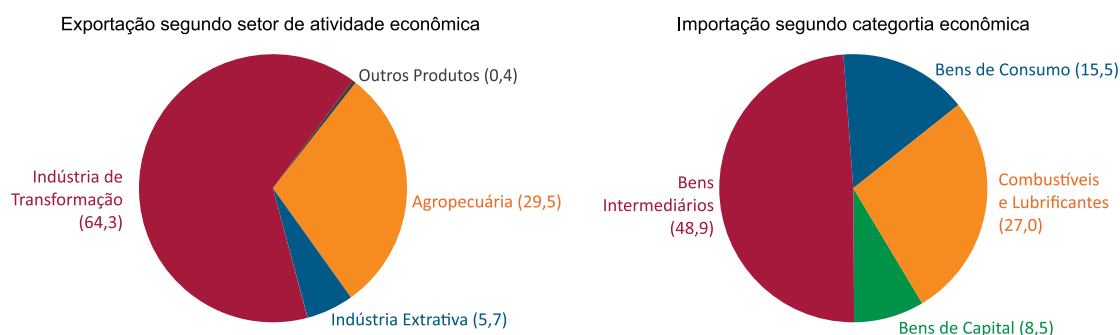
Fonte: Elaboração BNB/Etene, com base nos dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 09/06/2026). Obs.: Dados referentes a meses anteriores sujeitos a retificação.

As exportações do Nordeste apresentaram recuo em todos os grandes setores econômicos. A agropecuária, responsável por 29,5% da pauta exportadora regional, registrou queda de 3,2%, influenciada principalmente pela redução das vendas de café, soja e milho. A indústria de transformação, que concentrou 64,3% das exportações, apresentou retração de 9,7%, destacando-se as quedas nas exportações de açúcares e melaços, alumina, óleos combustíveis, veículos automóveis, celulose e derivados do cacau. Em contrapartida, houve crescimento expressivo das exportações de ouro não monetário e de produtos semiacabados de ferro ou aço.

Na indústria extrativa, as exportações recuaram 0,4%, refletindo principalmente a redução das vendas de minério de ferro, petróleo bruto e minério de níquel. Por outro lado, as exportações de minério de cobre apresentaram crescimento relevante no período.

A pauta exportadora nordestina permaneceu concentrada na indústria de transformação, que respondeu por 64,3% das vendas externas (Gráfico 5), seguida pela agropecuária (29,5%) e pela indústria extrativa (5,7%). Já as importações estiveram concentradas em bens intermediários (48,9%) e combustíveis e lubrificantes (27,0%), seguidos por bens de consumo (15,5%) e bens de capital (8,5%).

Gráfico 5 – Exportações e importações segundo setor de atividades e categoria econômica – Nordeste – jan-mai/2026 – em %



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com base nos dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 09/06/2026).

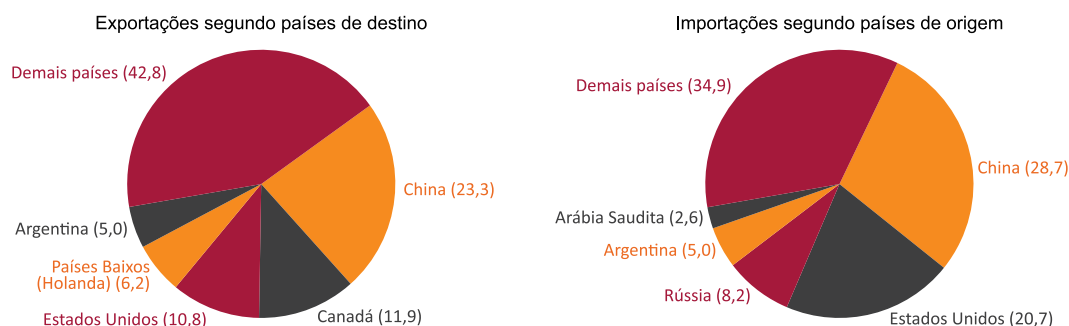
Obs.: Dados referentes a meses anteriores sujeitos a retificação.

Os principais destinos das exportações nordestinas foram China, Canadá, Estados Unidos, Países Baixos e Argentina (Gráfico 6), que juntos absorveram 57,2% das vendas externas regionais. Entre esses parceiros, destacaram-se os avanços das exportações para China e Países Baixos, enquanto Estados Unidos e Argentina registraram retração nas compras de produtos nordestinos.

Nas importações, China, Estados Unidos, Rússia, Argentina e Arábia Saudita responderam por 65,1% das aquisições da Região (Gráfico 6). A China consolidou-se como principal fornecedor do Nordeste, registrando crescimento de 53,8% nas vendas para a Região, no acumulado do ano.

As importações cresceram principalmente devido ao aumento das aquisições de bens de consumo e bens de capital. Destacaram-se o crescimento das compras de veículos automóveis de passageiros e de equipamentos mecânicos para manuseio e elevação de cargas. Por outro lado, houve redução das compras de bens intermediários e combustíveis, influenciada pela queda das importações de cacau em bruto, petróleo bruto, propano e butano liquefeito, componentes eletrônicos, trigo e gás natural.

Gráfico 6 – Principais países de destino e origem das exportações e importações– Nordeste – jan-mai/2026 – em %



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com base nos dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 09/06/2026).

Obs.: Dados referentes a meses anteriores sujeitos a retificação.

O déficit comercial nordestino observado nos cinco primeiros meses de 2026 resultou da combinação entre queda das exportações e estabilidade das importações. A redução das vendas externas foi disseminada



entre os principais setores produtivos da Região, especialmente na indústria de transformação. Fatores como o cenário econômico internacional, os conflitos geopolíticos, as tarifas norte-americanas, a economia argentina e questões ligadas ao mercado de combustíveis vêm influenciando o desempenho comercial do Nordeste, reforçando a importância da diversificação de mercados e do aumento da competitividade dos produtos regionais.

5.1 Bahia responde por quase metade das exportações do Nordeste

As exportações nordestinas apresentaram resultados heterogêneos entre os estados, no acumulado de janeiro a maio de 2026. Bahia, responsável por 49,8% das exportações da Região, foi o principal exportador nordestino ao registrar vendas externas de US\$ 4,68 bilhões e crescimento de 0,8% em relação ao mesmo período do ano anterior (Tabela 8). O resultado foi sustentado pelo avanço das exportações da agropecuária e da indústria extrativa, especialmente soja, algodão em bruto e minérios de cobre, embora parte desse desempenho tenha sido compensada pela retração das vendas da indústria de transformação.

Ceará e Rio Grande do Norte também registraram crescimento das exportações, de 8,5% e 8,3%, respectivamente (Tabela 8). No Ceará, o desempenho foi impulsionado pelo aumento das vendas de produtos de ferro e aço e de minerais em bruto. No Rio Grande do Norte, houve expansão em todos os grandes setores econômicos, com destaque para frutas, minérios e para as exportações de ouro, que passaram a representar parcela relevante da pauta estadual.

Por outro lado, Maranhão, Piauí, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe apresentaram queda das exportações. As retrações estiveram associadas principalmente à redução das vendas de produtos como soja, alumina, celulose, açúcares e melações, veículos automotores e derivados de petróleo.

Tabela 8 – Nordeste e Estados - Exportação, Importação e Saldo da Balança Comercial - Jan-jan/mai/2026 - US\$ milhões FOB

Estados	Exportação			Importação			Saldo
	Valor	Part. (%)	Var. % jan-mai 2026/ 2025	Valor	Part. (%)	Var. % jan-mai 2026/ 2025	
Maranhão	1.647,6	17,5	-21,0	1.578,8	13,9	-5,9	68,8
Piauí	371,5	4,0	-16,4	51,6	0,5	-73,5	319,9
Ceará	835,8	8,9	8,5	1.092,8	9,6	-7,9	-257,0
R G do Norte	481,3	5,1	8,3	203,7	1,8	1,7	277,7
Paraíba	55,0	0,6	-20,2	226,8	2,0	-54,1	-171,8
Pernambuco	876,6	9,3	-16,1	2.944,7	25,9	-6,4	-2.068,1
Alagoas	315,8	3,4	-30,3	473,0	4,2	24,4	-157,2
Sergipe	133,7	1,4	-18,9	132,1	1,2	-15,6	1,6
Bahia	4.676,7	49,8	0,8	4.647,3	40,9	21,1	29,4
Nordeste	9.394,0	100,0	-7,1	11.350,8	100,0	0,7	-1.956,8

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com base nos dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 22/06/2026).
Obs.: Dados referentes a meses anteriores sujeitos a retificação.

Conforme apresentado na Tabela 8, Piauí, Rio Grande do Norte, Maranhão, Bahia e Sergipe registraram superávit comercial no acumulado de janeiro a maio de 2026, enquanto Pernambuco, Ceará, Paraíba e Alagoas apresentaram déficits em suas balanças comerciais.



Tabela 9 – Nordeste e Estados - Principais produtos exportados e importados- - Em %– Jan/mai/2026

Estados/ Nordeste	Principais Produtos Exportados	Principais Produtos Importados
Maranhão	Soja (37,0%), Alumina (óxido de alumínio)I (25,7%), Celulose (16,8%)	Óleos combustíveis de petróleo (61,2%), Adubos ou fertilizantes químicos, exc fertilizantes brutos (25,8%), Elementos químicos inorgânicos, óxidos e sais de halogêneos (3,3%)
Piauí	Soja (79,6%), Milho não moído, exceto milho doce (6,3%), Outras gorduras e óleos animais ou vegetais, processados, ceras, etc (5,1%)	Produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado, folheados ou chapeados, ou revestidos (22,0%), Produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado, não folheados ou chapeados, ou revestidos (10,3%), Máquinas agrícolas (com exceção dos tratores) e suas partes (10,0%)
Ceará	Produtos semi-acabados, lingotes e outras formas primárias de ferro ou aço (46,0%), Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (9,6%), Calçados (8,0%)	Carvão, mesmo em pó, mas não aglomerado (17,8%), Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (9,8%), Trigo e centeio, não moídos (6,9%)
Rio Grande do Norte	Óleos combustíveis de petróleo, exceto óleos brutos (37,1%), Ouro, não monetário (27,2%), Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (22,6%)	Geradores elétricos giratórios e suas partes (18,8%), Óleos combustíveis de petróleo (exceto óleos brutos) (12,2%), Trigo e centeio, não moídos (9,2%)
Paraíba	Calçados (48,4%), Sucos de frutas ou de vegetais (16,6%), Açúcares e melaços (8,8%)	Preparações e cereais, de farinhas, ou amido de frutas ou vegetais (12,8%), Produtos residuais de petróleo e materiais relacionados (11,3%), Polímeros de etileno, em formas primárias (6,8%)
Pernambuco	Veículos automóveis de passageiros (21,6%), Óleos combustíveis de petróleo ou de minerais betuminosos (13,4%), Frutas e nozes não oleaginosas, frescas ou secas (11,9%)	Óleos combustíveis de petróleo, exceto óleos brutos (19,3%), Partes e acessórios dos veículos automotivos (9,8%), Propano e butano liquefeito (5,3%)
Alagoas	Açúcares e melaços (66,8%), Minérios de cobre e seus concentrados (30,0%), Tabaco em bruto (0,9%)	Adubos ou fertilizantes químicos (exceto fertilizantes brutos) (4,8%), Outros hidrocarbonetos e seus derivados halogenados, sulfonados, nitrados ou nitrosados (3,8%), Produtos residuais de petróleo e materiais relacionados (3,8%)
Sergipe	Óleos brutos de petróleo (58,1%), Sucos de frutas ou de vegetais (19,8%), Motores e máquinas não elétricos, e suas partes (6,9%)	Gás natural, liquefeito ou não (25,3%), Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (14,9%), Instalações e equipamentos de engenharia civil e contrutores, e suas partes (14,7%)
Bahia	Óleos combustíveis de petróleo, exceto óleos brutos (17,0%), Soja (16,9%), Ouro, não monetário (12,1%)	Veículos automóveis de passageiros (20,5%), Óleos combustíveis de petróleo (16,6%), Óleos brutos de petróleo (15,0%)
Nordeste	Soja (18,1%), Óleos combustíveis de petróleo, exceto óleos brutos (11,9%), Celulose (8,6%)	Óleos combustíveis de petróleo, exceto óleos brutos (21,6%), Veículos automóveis de passageiros (9,3%), Adubos ou fertilizantes químicos, exceto fertilizantes brutos (8,2%)

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com base nos dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 22/06/2026).

Obs.: Dados referentes a meses anteriores sujeitos a retificação.

A pauta exportadora dos estados nordestinos permaneceu fortemente associada a produtos agropecuários, minerais e industriais. Entre os produtos com maior influência sobre os resultados destacaram-se soja, algodão, celulose, minérios metálicos, açúcar, derivados de petróleo, ferro e aço (Tabela 9).

Os fluxos comerciais dos estados nordestinos permaneceram concentrados em um conjunto restrito de mercados internacionais. A tabela 10 apresenta os principais países de destino das exportações e de origem das importações de cada estado, evidenciando a relevância de parceiros como China, Estados Unidos e outros mercados tradicionais para o comércio exterior regional.

Tabela 10 – Nordeste e Estados - Principais países de destino das exportações e de origem das importações - Em %– Jan/mai/2026

Estados/ Nordeste	Principais Países de Destinos das Exportações	Principais Países de Origens das Importações
Maranhão	China (32,9%), Canadá (22,7%), Estados Unidos (15,1%)	Estados Unidos (28,3%), Rússia (27,7%), Arábia Saudita (11,1%)
Piauí	China (63,7%), Espanha (12,5%), Egito (6,8%)	China (49,8%), Estados Unidos (10,3%), Coreia do Sul (6,6%)
Ceará	Estados Unidos (35,2%), Espanha (5,7%), México (5,7%)	China (37,7%), Estados Unidos (16,1%), Colômbia (8,2%)
Rio Grande do Norte	Panamá (27,9%), Canadá (18,4%), Países Baixos (Holanda) (11,7%)	China (41,2%), Argentina (10,7%), Estados Unidos (10,4%)
Paraíba	Espanha (19,8%), Estados Unidos (13,4%), China (8,7%)	China (24,7%), Estados Unidos (19,7%), Argentina (11,8%)
Pernambuco	Argentina (28,5%), Singapura (11,5%), China (6,8%)	China (21,2%), Estados Unidos (18,8%), Rússia (9,3%)
Alagoas	China (30,0%), Argélia (21,8%), Geórgia (9,7%)	China (56,6%), Estados Unidos (5,9%), Indonésia (3,6%)
Sergipe	Estados Unidos (70,5%), Países Baixos (Holanda) (12,1%), Bélgica (4,4%)	Estados Unidos (29,4%), Canadá (14,9%), China (12,3%)
Bahia	China (25,8%), Canadá (13,3%), Países Baixos (Holanda) (6,5%)	China (36,5%), Estados Unidos (22,2%), Espanha (4,1%)
Nordeste	China (23,3%), Canadá (11,9%), Estados Unidos (10,8%)	China (28,7%), Estados Unidos (20,7%), Rússia (8,2%)

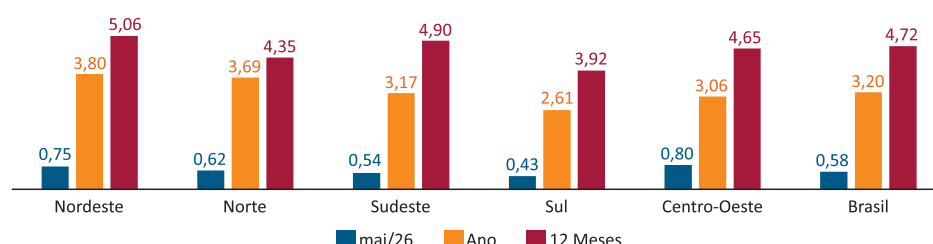
Fonte: Elaboração BNB/Etene, com base nos dados da Secex/MDIC (coleta de dados realizada em 22/06/2026).
Obs.: Dados referentes a meses anteriores sujeitos a retificação.

6 IPCA do Nordeste – maio de 2026

A inflação medida pelo IPCA no Nordeste atingiu 0,75% em maio de 2026 (Gráfico 7), resultado superior ao observado para o Brasil (0,58%). Entre as regiões brasileiras, o Nordeste apresentou a segunda maior variação mensal, atrás apenas do Centro-Oeste. Entre as capitais pesquisadas, Aracaju registrou uma das maiores taxas do país (1,31%), enquanto Recife (0,95%) e São Luís (0,87%) também apresentaram resultados elevados.

O índice de difusão recuou de 62,2% para 60,1% entre abril e maio, indicando que a inflação permaneceu presente, porém mais concentrada em grupos específicos de despesas. Esse movimento sugere menor disseminação dos reajustes de preços pela economia regional.

Gráfico 7 – IPCA - Valor e variação (%) – Brasil e Regiões – maio, ano e variação em doze meses - 2026.



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2026).

A alta de preços no Nordeste concentrou-se principalmente nos grupos Alimentação e Bebidas, Habitação e Saúde e Cuidados Pessoais, responsáveis por 78,2% da variação mensal do índice. Em sentido contrário, o grupo Transportes contribuiu para reduzir parcialmente a inflação em razão da queda dos preços dos combustíveis (Tabela 11).

Em Alimentação e Bebidas, os maiores impactos vieram da carne, da batata inglesa e do tomate. Em Habitação, a principal pressão partiu da energia elétrica residencial. Já em Saúde e Cuidados Pessoais destacaram-se os reajustes de produtos farmacêuticos, planos de saúde e itens de higiene pessoal. No grupo Transportes, a redução da gasolina foi o principal fator de alívio inflacionário.

Tabela 11 – IPCA (%) e Impactos por Grupo Pesquisado (p.p) – Brasil, Nordeste e Capitais pesquisadas, na Região – Variação maio de 2026.

	Fortaleza		Recife		Salvador		Aracaju		São Luís		Nordeste		Brasil	
	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto
IPCA - Grupo Pesquisado		0,72		0,95		0,51		1,31		0,87		0,75		0,58
Alimentação e Bebidas	1,51	0,36	1,63	0,39	1,69	0,38	2,61	0,58	1,51	0,39	1,68	0,39	1,33	0,29
Habitação	1,82	0,29	3,08	0,41	1,97	0,27	2,04	0,25	0,84	0,12	2,10	0,30	1,22	0,18
Artigos de Residência	0,16	0,01	0,18	0,01	-0,40	-0,01	1,05	0,03	0,82	0,03	0,08	0,00	0,08	0,00
Vestuário	0,74	0,03	1,56	0,09	0,40	0,02	0,89	0,05	0,75	0,05	0,83	0,04	0,62	0,03
Transportes	-0,40	-0,08	-0,80	-0,16	-1,81	-0,34	0,85	0,16	-0,24	-0,04	-0,94	-0,18	-0,46	-0,09
Saúde e Cuidados Pessoais	0,48	0,07	1,15	0,17	1,11	0,17	1,28	0,22	1,62	0,22	1,05	0,16	0,9	0,12
Despesas Pessoais	0,27	0,02	0,25	0,02	0,05	0,01	0,29	0,03	0,84	0,07	0,24	0,02	0,41	0,04
Educação	0,07	0,00	0,05	0,00	0,09	0,01	-0,02	-0,00	0,00	0,00	0,06	0,00	0,00	-0,00
Comunicação	0,17	0,01	0,38	0,01	0,04	0,00	-0,07	-0,00	0,87	0,03	0,23	0,01	0,23	0,01

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2026). variação (%); Impacto: pontos percentuais: p.p.

No acumulado de doze meses encerrados em maio de 2026, o Nordeste registrou inflação de 5,06% (Tabela 12), a maior entre as regiões brasileiras e acima da média nacional (4,72%). Recife apresentou a maior inflação acumulada entre as capitais pesquisadas (5,62%), seguida por Aracaju (5,42%). Fortaleza, Salvador e São Luís também apresentaram taxas elevadas no período.

Os grupos Alimentação e Bebidas, Habitação, Transportes e Saúde e Cuidados Pessoais responderam por mais de três quartos da inflação regional acumulada, evidenciando a concentração das pressões inflacionárias em poucos grupos de despesas.

Tabela 12 – IPCA (%) e Impactos por Grupo Pesquisado (p.p) – Brasil, Nordeste e Capitais pesquisadas, na Região – Variação em doze meses terminados em maio de 2026.

	Fortaleza		Recife		Salvador		Aracaju		São Luís		Nordeste		Brasil	
	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto	índice	impacto
IPCA - Grupo Pesquisado		5,26		5,62		4,67		5,42		4,49		5,06		4,72
Alimentação e Bebidas	3,13	0,75	4,35	1,03	3,92	0,89	6,43	1,42	1,98	0,50	3,83	0,90	3,87	0,83
Habitação	6,28	1,01	5,19	0,69	4,11	0,57	5,56	0,68	9,4	1,37	5,46	0,77	6,22	0,94
Artigos de Residência	-0,31	-0,02	0,56	0,01	-2,95	-0,11	0,02	-0,00	0,89	0,03	-0,95	-0,04	0,54	0,02
Vestuário	6,13	0,28	8,39	0,49	3,74	0,19	2,04	0,11	1,72	0,10	5,07	0,27	4,60	0,21
Transportes	6,20	1,19	8,28	1,62	5,33	1,00	6,01	1,11	5,5	1,01	6,30	1,20	4,05	0,83
Saúde e Cuidados Pessoais	7,52	1,04	6,29	0,95	6,51	1,01	5,98	1,02	5,71	0,78	6,55	0,98	6,04	0,82
Despesas Pessoais	5,82	0,44	6,01	0,51	6,18	0,63	5,55	0,52	5,45	0,43	5,95	0,53	5,77	0,59
Educação	7,10	0,49	4,48	0,27	6,72	0,42	6,22	0,49	5,15	0,25	6,05	0,38	6,36	0,39
Comunicação	2,14	0,07	1,41	0,05	2,12	0,08	1,74	0,07	0,85	0,02	1,79	0,06	1,75	0,08

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do IBGE (2026). Variação (%); Impacto: pontos percentuais: p.p.

A inflação permanece concentrada principalmente em alimentos, energia, transportes e serviços essenciais. Avalia-se que parte relevante das pressões inflacionárias está associada a fatores de oferta, custos e preços administrados, o que reduz os efeitos imediatos da política monetária. Apesar da expectativa de desaceleração dos preços dos alimentos no segundo semestre, a convergência da inflação para a meta tende a ocorrer de forma gradual, influenciada pela persistência de custos e por fatores externos.

7 Cesta básica reforça pressão inflacionária sobre alimentos no Nordeste

A partir de parceria entre o DIEESE e a Conab, a coleta de preços da cesta básica passou a abranger 27 capitais brasileiras, ampliando a cobertura do indicador. Em maio de 2026, nenhuma capital registrou redução no valor da cesta básica. O Nordeste apresentou variação de 5,95% (Gráfico 8), a segunda maior entre as

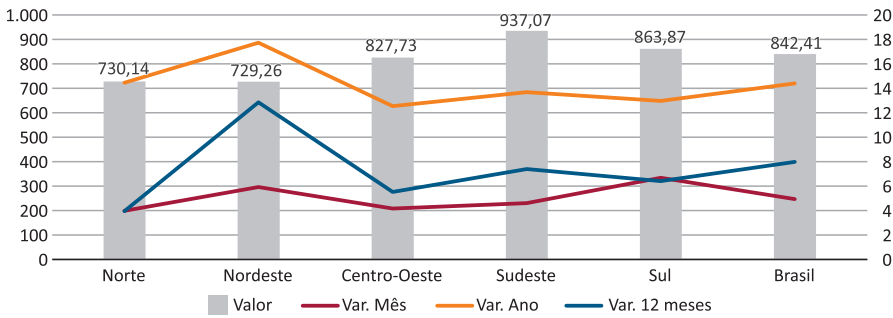
regiões brasileiras, atrás apenas da Região Sul (6,70%). Entre as capitais nordestinas, Recife registrou a maior alta do País (8,05%), seguida por Fortaleza (7,48%), Maceió (6,68%), João Pessoa (6,22%) e Natal (6,18%).

Os aumentos observados na Região foram fortemente concentrados em quatro alimentos. Carne, feijão, banana e tomate responderam por mais da totalidade da variação mensal (+103,2 p.p) da cesta nordestina, sendo que apenas o tomate representou 81,4% da alta observada em maio.

No acumulado de janeiro a maio de 2026, a cesta básica do Nordeste registrou alta de 17,77%, a maior entre as regiões brasileiras, impulsionada principalmente pelos aumentos nos preços do tomate, feijão e carne, além das contribuições da banana e do pão. Em contrapartida, café, açúcar e óleo apresentaram redução de preços. O resultado evidencia que as pressões sobre a cesta básica permaneceram concentradas em poucos alimentos, especialmente aqueles mais suscetíveis a choques de oferta e fatores climáticos.

Nos doze meses encerrados em maio de 2026, a cesta básica do Nordeste acumulou alta de 12,88%, a maior entre as regiões brasileiras e acima da média nacional de 8,00%, com destaque para Recife, Fortaleza, João Pessoa, Aracaju, Salvador e Natal entre as capitais com maiores aumentos. A elevação permaneceu concentrada principalmente nos preços da carne, do feijão, do tomate e da banana, enquanto arroz, açúcar e café contribuíram para atenuar parcialmente o avanço do custo da cesta.

Gráfico 8 – Cesta Básica Valor e variação (%) – Brasil e Regiões – maio, ano e variação em doze meses - 2026.



Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do DIEESE (2026). Nota: O valor das cestas, e a variação no mês e ano, leva em consideração todas as 27 capitais. A variação em doze meses, leva em consideração 17 capitais.

Entre as capitais nordestinas, Fortaleza apresentou a cesta básica mais cara da Região, atingindo R\$ 825,10 (Tabela 13). O valor foi 13,1% superior à média regional (R\$ 729,26) e 26,4% acima da cesta mais barata entre as capitais nordestinas pesquisadas, registrada em Aracaju (R\$ 652,73).

Tabela 13 – Cesta Básica (%) – Nordeste e Capitais pesquisadas na Região – Valor e variação no mês (maio), ano e 12 meses - 2026.

Capitais/Região	Valor (R\$ 1,00)	% - Mês	% - Ano	% - 12 meses
FORTALEZA	825,10	7,5	21,9	13,3
ARACAJU	652,73	5,4	21,0	12,6
JOÃO PESSOA	718,50	6,2	20,2	12,8
NATAL	710,79	6,2	19,0	10,2
RECIFE	726,89	8,0	21,9	14,3
SALVADOR	707,28	4,4	16,4	12,4
MACEIÓ	696,55	6,7	18,1	-
SÃO LUÍS	651,15	1,9	3,5	-
TERESINA	732,94	5,4	13,6	-
NORDESTE	729,26	5,9	17,8	12,9
Total	76.584	142.332	662.152	244.053

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do DIEESE (2025). Nota: O valor das cestas, e a variação no mês, e no ano, levam em consideração todas as 27 capitais. A variação em doze meses, leva em consideração 17 capitais.

Tabela 14 – Variação no mês de maio de 2026 – Brasil e Nordeste

Total da Cesta	Brasil	Nordeste
Carne	2,20	2,66
Leite	1,01	4,31
Feijão	6,87	6,65
Arroz	0,73	1,97
Farinha	-0,07	0,11
Batata	52,43	-
Tomate	18,92	26,38
Pão	0,96	0,67
Café	-2,94	-2,61
Banana	-1,64	3,54
Açúcar	-2,35	-0,82
Óleo	-2,16	-0,13
Manteiga	0,15	0,20

Fonte: Elaboração BNB/Etene, com dados do DIEESE (2026). Nota: A variação no mês, leva em consideração todas as 27 capitais.

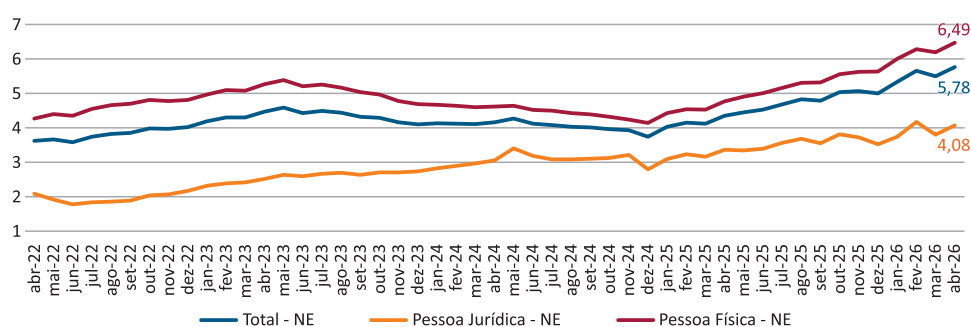
A tabela 14 detalha a contribuição dos produtos para a variação mensal da cesta básica. Os resultados no Nordeste evidenciam o papel determinante do tomate, da carne, do feijão e da banana na alta observada em maio, confirmando a forte concentração da inflação alimentar em poucos itens. Esta maior concentração do consumo regional em alimentos essenciais, associada a custos logísticos mais elevados e à sensibilidade a choques de oferta, ajuda a explicar a liderança do Nordeste nas variações acumuladas do indicador. Nesse contexto, eventos climáticos adversos podem continuar pressionando os preços dos alimentos e manter a cesta básica regional crescendo acima da média nacional.

8 Crédito NE - Juros, spread e inadimplência seguem em alta no Nordeste

As operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional encerraram abril de 2026 com aumento das taxas de juros, dos spreads bancários e da inadimplência. A taxa média de juros alcançou 33,8% ao ano, avanço de 2,4 pontos percentuais em doze meses, enquanto o spread bancário atingiu 22,6 pontos percentuais, também em trajetória de alta. As operações destinadas às pessoas físicas continuaram apresentando custos superiores aos observados para as pessoas jurídicas.

A inadimplência média nacional chegou a 4,44% em abril de 2026, igualando o maior nível da série histórica do Banco Central. No Nordeste, a taxa atingiu 5,78%, superando a média nacional e registrando o maior patamar da série regional. O avanço foi influenciado principalmente pela inadimplência das pessoas físicas (6,49%), enquanto entre as pessoas jurídicas o indicador alcançou 4,08% (Gráfico 9).

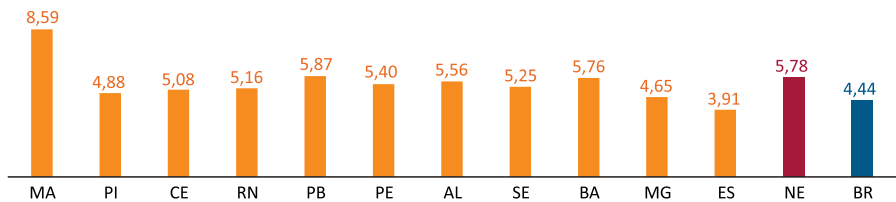
Gráfico 9 – Inadimplência – Nordeste - Total, Pessoa Física e Pessoa Jurídica – % Anual – Abril de 2022 a Abril de 2026



Fonte: Banco Central (2026). Elaboração: BNB/Etene (2026)

Todos os estados nordestinos apresentaram inadimplência superior à média nacional (Gráfico 10). O Maranhão registrou o maior índice da área de atuação do Banco do Nordeste (8,59%), seguido pela Paraíba (5,87%). O menor percentual foi observado no Piauí (4,88%).

Gráfico 10 – Inadimplência – Nacional, Regional e Estados da Área de Atuação do BNB – % – Abril de 2026



Fonte: Banco Central (2026). Elaboração: Etene (2026)

A combinação de juros elevados, spreads em alta e inadimplência recorde indica condições financeiras mais restritivas e tende a limitar a expansão do crédito ao longo de 2026. O recente lançamento de programas de renegociação de dívidas podem contribuir para reduzir o volume de operações em atraso, enquanto a evolução da inadimplência dependerá principalmente do ciclo de política monetária, do mercado de trabalho e da renda das famílias.

10 Desempenho Fiscal do Governo Federal em abril de 2026

O Governo Central registrou superávit primário de R\$ 25,2 bilhões em abril de 2026, resultado superior ao observado em abril de 2025 (R\$ 18,2 bilhões) e acima das expectativas do mercado. A receita líquida alcançou R\$ 235,3 bilhões, com crescimento real de 5,8%, enquanto as despesas totalizaram R\$ 210,1 bilhões, avançando 3,3% em termos reais (Tabela 15). Apesar do resultado positivo no mês, o superávit acumulado entre janeiro e abril foi de apenas R\$ 8,7 bilhões, bem abaixo dos R\$ 73,2 bilhões registrados no mesmo período de 2025.

O crescimento das receitas foi impulsionado principalmente pela arrecadação administrada pela Receita Federal e pelas contribuições ao RGPS, favorecidas pelo bom desempenho do Imposto de Renda, Cofins, IOF, Imposto de Importação e pela evolução do mercado de trabalho. Em sentido contrário, as receitas não administradas recuaram em razão da forte redução dos dividendos recebidos de empresas estatais.

Tabela 15 – Resultado do Tesouro Nacional - Janeiro-Abril de 2026 (Milhões correntes)

Discriminação	Janeiro-Abril		Variação (2026/2025)		Abril		Variação (2026/2025)	
	2025	2026	% Nominal	% Real (IPCA)	2025	2026	% Nominal	% Real (IPCA)
1. RECEITA TOTAL	973.254	1.055.636	8,50%	4,00%	252.540	279.491	10,70%	6,00%
2. TRANSF. POR REPARTIÇÃO DE RECEITA	183.082	193.641	5,80%	1,50%	39.396	44.149	12,10%	7,30%
3. RECEITA LÍQUIDA (1-2)	790.172	861.995	9,10%	4,60%	213.144	235.343	10,40%	5,80%
4. DESPESA TOTAL	716.984	853.318	19,00%	14,20%	194.949	210.145	7,80%	3,30%
5. RESULTADO PRIMÁRIO GOV. CENTRAL (3 - 4)	73.188	8.677	-88,10%	-87,60%	18.195	25.198	38,50%	32,70%
Tesouro Nacional	171.597	134.221	-21,80%	-24,90%	51.077	58.474	14,50%	9,70%
Banco Central	-274	-313	14,10%	9,90%	-263	-187	-28,90%	-31,90%
Previdência Social (RGPS)	-98.135	-125.231	27,60%	22,40%	-32.619	-33.089	1,40%	-2,80%
6. RESULTADO PRIMÁRIO/PIB	1,78%	0,20%	-	-	1,67%	2,20%	-	-

Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional - STN



As despesas cresceram em ritmo inferior ao das receitas no mês, favorecendo a geração do superávit. Os principais fatores de pressão foram os benefícios previdenciários, os gastos com pessoal, os benefícios assistenciais (BPC/LOAS), os precatórios e os créditos extraordinários associados a eventos climáticos. Ainda assim, no acumulado do ano (Tabela 16), as despesas avançaram em ritmo superior ao das receitas, contribuindo para a deterioração do resultado fiscal.

Tabela 16 – DESPESAS PRIMÁRIAS DO GOVERNO CENTRAL - Resultado Acumulado em Relação ao mesmo período do ano anterior. Jan-Abril-2025/2026 - Valores a preços de abril/26 - IPCA – R\$ Milhões

Discriminação	Jan-Abr		Variação	
	2025	2026	Diferença	% Real (IPCA)
DESPESA TOTAL	755.247,90	862.256,00	107.008,20	14,20%
Benefícios Previdenciários	331.955,00	369.658,00	37.703,00	11,40%
d/q Sentenças Judiciais e Precatórios	7.662,60	31.904,20	24.241,50	-
Pessoal e Encargos Sociais	125.858,60	145.685,70	19.827,10	15,80%
d/q Sentenças Judiciais e Precatórios	994,9	10.098,80	9.103,90	-
Outras Despesas Obrigatórias	124.995,00	158.702,40	33.707,40	27,00%
Abono e Seguro Desemprego	32.753,50	29.887,80	-2.865,70	-8,70%
Apoio Financeiro a Estados e Municípios	3.027,20	227	-2.800,20	-92,50%
Benefícios de Prestação Continuada da LOAS/RMV	43.674,50	46.474,30	2.799,80	6,40%
Créditos Extraordinários	1.095,80	1.443,60	347,8	31,70%
FundeB - Complementação da União	23.387,40	24.997,70	1.610,30	6,90%
Legislativo/Judiciário/MPU/DPU (Custeio e Capital)	5.714,20	6.216,90	502,8	8,80%
Lei Kandir (LC nº 87/96 e 102/00) e LC nº 176 de 2020	1.399,50	1.343,00	-56,5	-4,00%
Sentenças Judiciais e Precatórios (Custeio e Capital)	1.578,80	36.599,10	35.020,30	-
Subsídios, Subvenções e Proagro	8.744,00	7.574,50	-1.169,50	-13,40%
Impacto Primário do FIES	660,2	895,3	235,2	35,60%
Demais	2.959,90	3.043,00	83,1	2,80%
Despesas do Poder Executivo Sujeitas à Programação Fin.	172.439,30	188.209,90	15.770,60	9,10%
Obrigatórias com Controle de Fluxo	126.237,00	123.868,40	-2.368,50	-1,90%
Discricionárias	46.202,30	64.341,50	18.139,20	39,30%

Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional - STN

O setor público consolidado registrou superávit primário de R\$ 24,6 bilhões em abril de 2026, acima do resultado obtido no mesmo mês do ano anterior. No acumulado de janeiro a abril, entretanto, houve superávit primário de R\$ 31,2 bilhões, equivalente a 0,72% do PIB. A dívida bruta do governo geral atingiu 80,4% do PIB, totalizando R\$ 10,4 trilhões, com aumento de 0,3 ponto percentual em relação ao mês anterior.

Tabela 17 – Necessidades de financiamento do setor público (Fluxos acumulados no ano) - Janeiro-Abril/2026 - R\$ milhões

Discriminação	Janeiro-Abril				Fluxos Mensais		
	2025	% do PIB	2026	% do PIB	Fevereiro	Março	Abril
Nominal	160 645	3,91	320 205	7,33	100 589	199 539	60 139
Governo Central(1)	161 967	3,94	311 328	7,13	107 743	186 993	50 092
Governos estaduais	- 1 149	-0,03	4 089	0,09	- 6 188	10 435	8 232
Governos municipais	- 4 124	-0,10	- 5 434	-0,12	- 2 113	858	- 594
Empresas estatais(2)	3 951	0,10	10 221	0,23	1 147	1 252	2 410
Juros nominais	263 505	6,41	351 453	8,05	84 201	118 862	84 763
Governo Central(1)	230 522	5,61	320 358	7,34	78 237	112 180	76 167
Governos estaduais	28 667	0,70	25 099	0,57	4 554	5 011	7 141
Governos municipais	3 057	0,07	3 462	0,08	832	887	826
Empresas estatais(2)	1 260	0,03	2 535	0,06	579	784	629
Primário	- 102 860	-2,50	- 31 248	-0,72	16 388	80 676	- 24 624
Governo Central	- 68 555	-1,67	- 9 030	-0,21	29 507	74 813	- 26 075
Governos estaduais	- 29 816	-0,73	- 21 010	-0,48	- 10 741	5 424	1 091
Governos municipais	- 7 181	-0,17	- 8 896	-0,20	- 2 945	- 29	- 1 420
Empresas estatais(2)	2 691	0,07	7 687	0,18	568	469	1 781
PIB acumulado no ano*	4 111 991	-	4 367 516	-			

Fonte: BACEN

(1) Inclui INSS

(2) Exclui as empresas das grupos Petrobras e Eletrobras

* Dados preliminares

(+) déficit (-) superávit

11 Variáveis Macroeconômicas – FOCUS

O Quadro 1 apresenta as expectativas do BNB/Etene para as variáveis macroeconômicas listadas, como subsídio ao Relatório Focus do Banco Central do Brasil na última semana de junho/2026, bem como o comportamento em relação ao mês anterior.

Quadro 1 – BNB/Etene: expectativas de Variáveis Macroeconômicas para o ano de 2026 – base junho/2026

VARIÁVEL	PIB (%)	R\$/US\$	IPCA (%)	IGP-M (%)	SELIC (%)	DESOCUPAÇÃO (%)
Última semana de junhp	2,00	5,20	5,20	5,50	13,75	5,60
Em relação ao mês anterior	=	=	▲	▲	=	=

Fonte: BNB/Etene (2026).

OBRA PUBLICADA PELO



PRESIDENTE

Paulo Henrique Saraiva Câmara

DIRETORES

Ana Teresa Barbosa de Carvalho,
Antonio Jorge Pontes Guimarães Junior
José Aldemir Freire,
Leonardo Victor Dantas da Cruz,
Raimundo Vândir Farias Júnior e
Wanger Antônio de Alencar Rocha

ECONOMISTA-CHEFE:

Rogério Sobreira

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE – ETENE

Allisson David de Oliveira Martins

Gerente de Ambiente

Liliane Cordeiro Barroso

Gerente Executivo – Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas

Atividade Econômica Regional

Marcos Falcão Gonçalves

Produção Pecuária e Mercado de Trabalho

Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão

Produção Industrial e Cenário Bancário

Liliane Cordeiro Barroso

Crédito

Allisson David de Oliveira Martins

Comércio Varejista e Serviços

Wellington Santos Damasceno

Turismo e Comércio Exterior

Laura Lúcia Ramos Freire

Índice de Preços e Cesta Básica

Antônio Ricardo de Norões Vidal

Economia Internacional

Allisson David de Oliveira Martins

Marcos Falcão Gonçalves

Finanças Públicas

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes

Estagiários

Guilherme Miranda Soares

Samuel Alesxandro Apolinario Xavier

Projeto Gráfico

Gustavo Bezerra Carvalho

Banco do Nordeste do Brasil S/A

Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE

Av. Dr. Silas Munguba, 5.700 - Bloco A2 Térreo - Passaré -
60743-902 - Fortaleza (CE) - BRASIL

Telefone: (85) 3251-7177

Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC): 0800 728 3030



**Banco do
Nordeste**